

Arqueologia da transição: entre o mundo romano e a Idade Média

Cláudia Teixeira, André Carneiro
(coords.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

DO *CLOISSONÉ* AO LIRIFORME.
DIACRONIAS DE UM ADORNO DE VESTUÁRIO NA ALTA IDADE MÉDIA
From *cloissonné* to lyre-shaped belt buckles.
The diachrony of a clothing adornment in the Early Middle Ages

ANDREIA AREZES (andrea.arezes@gmail.com)
FLUP-DCTP/CITCEM

RESUMO – Este texto centra-se num conjunto particular de peças metálicas: o das placas de cinturão recolhidas em território português, com cronologia atribuída ao período que medeia entre os séculos V e VIII.

A análise e interpretação desenvolvidas partiram do enquadramento dos materiais inventariados em tipologias. Foi possível identificar três grandes grupos de objectos, cada um dos quais reflecte diversos cenários e influências, nomeadamente através das soluções técnicas e estéticas adoptadas na composição dos *artefactos*.

O *corpus* de materiais arrolados não procede exclusivamente de áreas de enterramento. Alguns provêm de *villae* romanas ou tardo-romanas, nalguns casos com necrópoles associadas; outros, por seu turno, foram identificados em áreas de assentamento ou abrigos. Noutros casos, contudo, a sua origem é completamente desconhecida, circunstância que acarreta inegáveis problemas de interpretação.

As placas de cinturão integravam o conjunto de elementos de adorno passíveis de acompanhar o indivíduo no “microcosmos” de uma sepultura. No entanto, é fulcral sublinhar que o sepulcro não constitui necessariamente um reflexo do quotidiano; pelo contrário, pode revelar uma composição feita especificamente para o enterramento. De qualquer modo, há que considerar a hipótese de os *artefactos* depositados em contexto funerário poderem decorrer do estatuto, género ou etnia do defunto inumado. Neste sentido, é provável que certos objectos tenham sido incorporados na sepultura de forma a transmitir e perpetuar a condição ou o sentimento de pertença do indivíduo a um grupo.

Estes pontos, entre vários outros, serão explorados neste artigo. Apesar de algumas limitações intrínsecas, procuraremos analisar e discutir as informações geradas pelos adornos de vestuário e articulá-las com eventos coevos e com a mentalidade subjacente.

PALAVRAS-CHAVE – Placas de cinturão; Vestuário; “moda Danubiana”; Suevos; Visigodos

ABSTRACT – This article focuses on a particular set of metallic artefacts used over costume: the belt-buckles recovered from the Portuguese territory, dated from the 5th century till the beginning of the 8th.

My analysis and interpretation developed in order to sort the elements that were included in the inventory according to a typology. It was possible to distinguish three major “groups” of objects that reflect different scenarios and influences namely through the technical and aesthetic solutions adopted.

It is important to mention that the *corpus* of materials inventoried was not retrieved exclusively from burial sites. Actually, their origin is very diverse. It was possible to indicate, as source location, Roman or Late Roman *villae*, sometimes connected to

necropolis or, for instance, *habitats* or shelters. In other cases, however, their origin is completely unknown, which raises more difficulties for interpretation.

In the “microcosm” of a grave, the set of artefacts that accompanied the individual could integrate belt-buckles. But it should be noted that a grave might not necessarily be a reflection of everyday life, in that it may reveal a specific composition to the act of burial. On the other hand, it is advanced the hypothesis of each of the artefacts deposited was related to the condition, gender or ethnicity of the buried individual. In this sense, it is very likely that certain kinds of objects could have been used to transmit and perpetuate the sense of belonging to a particular group.

This point, amongst several others, will be explored in this article. Despite its inherent limitations, it aims to discuss the informations provided by the dress adornments and to articulate them with the contemporary events and with the underlying mentality.

KEYWORDS – Belt-buckles; Costume; “Danubian fashion”; Sueves; Visigoths

1. INTRODUÇÃO

Este texto, que desenvolve a temática por nós abordada no II painel de comunicações do *I Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição* (Évora, 2012), centrado na cultura material e no mundo do quotidiano, centra-se num conjunto específico de peças metálicas: as placas de cinturão exumadas em território português, com cronologia balizada entre os séculos V e VIII.

Vocacionadas para a aplicação sobre a indumentária, as placas de cinturão extravasam largamente o papel de elemento de adorno. Assumem-se como símbolos de identidade e etnicidade, e como potencialmente reveladoras do estatuto socioeconómico ou até da crença religiosa de quem as coloca sobre o vestuário envergado (Almeida 1962: 91; Arezes 2011: 97; Arezes 2015: 169-170). Tendo conquistado incontornável projeção e relevância entre grupos de filiação “germânica” ao serviço ou em contacto com o Império Romano, a sua utilização persistiu mesmo na sequência da desagregação e desmembramento administrativo da sua parte ocidental, mantendo activo um corpo de formas, técnicas de produção e soluções decorativas (Pérez Rodríguez-Aragón 1992: 239-240). Como tal, este tipo de adereço afirma-se como objeto de estudo, como plataforma passível de proporcionar informações intrínsecas pertinentes que se impõe explorar, até porque, não raro, muitos achados apresentam carácter descontextualizado. E, com efeito, determinadas particularidades das placas de cinturão, nomeadamente de ordem morfológica, estilística e ornamental, são suscetíveis de configurar indicações cronológicas e de indiciar influências diversas, remetendo para realidades e substratos específicos e nem sempre consonantes.

A maior parte das peças que aqui apresentaremos, no breve percurso diacrónico que nos propusemos concretizar, começaram por ser inventariadas com o objetivo de traçar um diagnóstico das existências de adornos metálicos do corpo ou relacionados com o vestuário e de sistematizar conhecimentos no quadro do espaço por-

tuguês e no âmbito cronológico definido. Todavia, não sendo possível abordar aqui individualmente a totalidade dos exemplares catalogados serão privilegiados aqueles que se afiguram mais singulares ou passíveis de suscitar maior problematização.

Finalizamos esta nota introdutória salientando que a nossa opção metodológica se fez no sentido de agrupar as peças constituintes do conjunto em três grandes grupos (o das peças que ostentam a chamada decoração policroma, cristalizada na bibliografia como “*cloisonné*”, o das placas rígidas e o dos elementos de tipologia liriforme) e que, através da referida perspectiva de análise se procurou destacar os pontos de contacto e/ou divergências plasmadas nos materiais arrolados.

2. OS MATERIAIS

2.1. Peças com decoração incrustada

Começamos por proceder à apresentação sumária dos atributos da decoração policroma, vulgarmente designada *cloisonné* (Balmaseda Muncharaz 2006: 753). Soberamente associada ao engaste de granadas recortadas em pequenas células ou cavidades soldadas num suporte metálico, requer grande cuidado e elevada competência na execução. Salientemos, contudo, que apesar de a utilização desta técnica ter começado por se circunscrever ao universo das peças áureas, acabou por ampliar-se e ser canalizada para elementos produzidos em ligas de cobre, provavelmente em resposta à menor disponibilidade de metal precioso (Hellenkemper 1979: 52-53). Por outro lado, não foram apenas as granadas, geradoras de prestígio, que afluíam ao Mar Negro vindas da Ásia Menor, de Ceilão e da Índia (Ostoya 1953: 149; Daim 1998: 86), a compor os embutidos. Também o âmbar, uma resina fossilizada abundante nas margens do Mar Báltico (Grimaldi 2009: 51) foi recorrentemente utilizado nas incrustações, designadamente, em peças de armamento, tal como atestado na espada de Beja (Vasconcelos 1913: 577, fig. 296), a que adiante voltaremos a aludir. Já mais tardiamente, recorreu-se ao engaste de pastas vítreas coloridas. Assim, e muito embora os materiais empregues fossem de algum modo perdendo “valor” e, em paralelo, acabando por se esvaziar de certas conotações simbólicas¹, nem por isso a técnica, que proporcionava num inequívoco efeito visual e fulgor estético (Morillo Cerdán 1989: 238), deixou de ser aplicada, pelo menos até à segunda metade do século VI.

São vários os autores e diversas as teorias que têm tentado esclarecer as suas origens, sem, porém, conseguirem atingir completa conciliação. Não obstante, encontra-se razoavelmente firmada a sua ascendência oriental, assim como a noção de que constitui produto de um desenvolvimento faseado e bem marcado

¹ Note-se que ao âmbar, passível de ser modelado por aquecimento ou polimento (cf. Ripoll López 1985: 32) e amplamente utilizado para a preparação de contas de colar no âmbito cronológico em análise, são imputadas propriedades mágicas e propiciatórias do descanso dos defuntos (Vizcaíno Sánchez 2007: 568).

pelo cruzamento de diversas influências, colhidos no mundo iraniano, no helénico e até no romano. De facto, traços precursores deste estilo e anunciadores da chamada “moda danubiana” ocorrem em materiais georgianos datáveis dos séculos II e III, e também em peças alano-sármatas e persas sassânidas, por seu turno atribuídas à III e IV centúrias (Lebedynsky 2001: 83).

Ora, este apontamento obriga-nos desde logo a refletir na questão cronológica. Na verdade, e apesar dos objectos que se inserem neste esquema terem começado a circular ainda na III centúria, a grande difusão do estilo policromo ocorreu fundamentalmente nos finais do século IV e, sobretudo no V, com a eclosão de novas movimentações populacionais e em clara articulação com fenómenos de imitação e interpenetração cultural (Lebedynsky 2001: 83).

Ora, no quadro dos achados coevos efectuados em território português, o grupo de peças com incrustações configura, claramente, o de expressão mais reduzida. Aliás, até ao momento e, para além dos elementos que, de seguida, serão abordados e dos restantes materiais constituintes do conjunto de Beja, é conhecido apenas um outro onde surge aplicado este tipo de recurso técnico e ornamental. Trata-se de um adorno do corpo, em concreto, o anel áureo oriundo da necrópole de Beiral do Lima (Ponte de Lima), no qual não nos centraremos, dado que excede o âmbito estabelecido para o presente artigo.

2.1.1. *O conjunto de Beja*

Os dois primeiros exemplares em análise surgem frequentemente referenciados na bibliografia como fivelas ou “broches de cinturão”, expressão colhida na literatura castelhana e ulteriormente importada e aplicada na portuguesa para elementos congêneres. Produzidos em ouro e denotando execução exímia, apresentam granadas embutidas nas cavidades definidas para o efeito, as quais, num dos casos (n.º inv. – Au 124, do M. N. A.), ocupam não apenas o corpo da placa, mas inclusive parte da superfície da fivela articulada e do fuzilhão zoomorfo. Juntamente com estes objectos terão sido recuperadas duas outras peças, também metálicas: um adorno isolado, igualmente áureo, com uma granada engastada, debruada com delicado perlado (Arezes 2011: 211-214; 369-370), a par de uma espada de ferro, decorada nas guardas com filamentos de ouro e incrustações de âmbar em forma de losango (Vasconcelos 1913: 577, fig. 296; Pérez Rodríguez-Aragón 1997: 631; 636-638; Lebedynsky 2001: 81; 123).

Trata-se de um conjunto de materiais que manifesta fortes similitudes com elementos recolhidos em túmulos principescos das zonas do Danúbio Médio ocupadas pelos Hunos na primeira metade do século V, sobretudo nas primeiras décadas da referida centúria (Kazanski 1991: 62). Com efeito, parece ter sido precisamente no referido enquadramento temporal que, paulatinamente, os aristocratas integrados no séquito de Átila (Pérez Rodríguez-Aragón 1997: 634), começaram a introduzir a prática da inumação acompanhada de objectos excepcionais, em que

avultava o ouro e demais materiais preciosos, deste modo definindo um dos traços da chamada “moda danubiana”, designação que está longe de espelhar uma realidade homogênea. De facto, na sua génese, centrada justamente nas zonas do Danúbio Médio, radica uma mescla de contributos hunos, alano-sármatas, germânicos e até romanos (Kazanski 1991: 72; 76). E, apesar de o “Império” Huno ter acabado por se desmoronar na sequência do desaparecimento de Átila, acarretando roturas e desencadeando a irrupção de novos movimentos populacionais enformou, ainda assim, uma fase que favoreceu a formação de uma espécie de “cultura aristocrática guerreira”, cuja influência se manteve, apesar da decadência da conjuntura em que se estabeleceu e precisamente através da difusão dessa “moda”. Aliás, mesmo ao serviço do exército do Império, os grupos de ascendência germânica tenderiam a conservar a indumentária e adereços que os identificavam e se afirmavam como atributo muito próprio das zonas de origem, podendo, inclusive, rejeitar o uso de armas tidas como romanas; todavia, não é de excluir a possibilidade de os guerreiros de estatuto superior acusarem a penetração de laivos de “romanidade” (Lebedynsky 2001: 25; 73-76). Note-se, contudo, que esta asserção não é pacífica. De facto, alguns autores consideram que os traços diferenciadores dos grupos de “Bárbaros” incorporados nos contingentes romanos teriam ficado remetidos para contexto funerário, enquanto no quotidiano a tendência reinante seria a de imitar o aparato militar de outros soldados do Império. Em contrapartida, as mulheres persistiriam na utilização de vestuário representativo das suas origens (Kazanski; Périn 1997: 201), pormenor que merece ser sublinhado. Com efeito, e em conformidade com o apontado por Volker Bierbrauer, o universo da indumentária feminina de filiação gótica manteve as suas características singulares e diferenciadoras até ao arranque do século VI (Bierbrauer 1997: 167-169), corporizando uma opção consciente e deliberada: a de realçar o vínculo de pertença a uma identidade étnica específica².

Recuperando então o conceito de “moda danubiana”, note-se que os materiais detectados na sepultura dupla de *Untersiebenbrunn* (Viena, Áustria), atribuída a um guerreiro de elite e à sua mulher, têm vindo a ser apresentados como indicadores de referência para a definição dos elementos constitutivos dessa forma particular de indumentária e dos adereços a ela associados (Kazanski 1991: 76). É por este motivo que o nome da estação epónima *Untersiebenbrunn* acabou não só ser aplicado a um conjunto de sepulturas datadas do período de dominação hunica e classificadas como “principescas”, mas também por servir de base à vulgarização da expressão “cultura *Untersiebenbrunn*”³, fundamentalmente adstrita a contextos de inumação (Kazanski 1991: 76).

² Para um confronto mais detalhado com as problemáticas subjacentes às questões da identidade e etnicidade, atualmente no centro de um vigoroso debate, consultar Arezes 2015: 121-170.

³ Chamamos a atenção para o fato de o conceito de “cultura” e, em especial, o de “cultura arqueológica” não ser isento de críticas, tendo vindo a ser sujeito a profundo questionamento de alguns anos a esta parte (Jones 1997: 39; 108; Shennan 2003: 5).

Mas, como explicar a ocorrência de objectos conotados com a chamada “cultura *Untersiebenbrunn*” em território peninsular? Será defensável considerar que a presença desses elementos decorre da existência de contactos entre os Suevos que permaneceram na bacia danubiana e os que integraram o *Regnum* da *Gallaecia*? Ou antes, mais plausível, equacionar que militares integrados nos contingentes tardo-romanos em trânsito tivessem adoptado a “moda danubiana” e, consequentemente, o recurso a objetos de “tipo huno”, eventualmente motivados pela sua ascendência oriental (Pérez Rodríguez-Aragón 1997: 641)? Muito embora não possamos apontar uma resposta concreta, afigura-se importante estabelecer vários cenários no sentido de explicar a circulação deste materiais, cenários esses que não passam exclusivamente pelos acontecimentos decorrentes da penetração de suevos, vândalos e alanos no território peninsular, em 409, nem pela consequente entrada em cena dos *foederati* visigodos. Refira-se, a propósito, que os suevos, entre meados e finais da primeira metade da centúria e sob o comando de Réquila, efetuaram incursões e destruições na *Baetica* e em cidades da *Lusitania*, como *Myrtilis* e *Emerita Augusta*, esta última convertida, temporariamente, em capital do *Regnum* (Leguay 1993: 49-51). Poderá a preparação da sepultura de Beja ter algum tipo de relação com os eventos e movimentações elencados?

2.1.2. O exemplar de Conimbriga

Consideremos agora a peça incompleta de *Conimbriga* (Alarcão 1994: 141, n.º 432.5; Arezes 2011: 98; 151-152), a que presentemente falta a fivela e o eixo da charneira, através do qual se processaria a articulação entre as partes. Apesar de possuir incrustações, são várias as especificidades que a separam dos adornos de Beja. Comparativamente, a qualidade revelada é menor, particularidade que se traduz ao nível da execução técnica, menos exigente, e das matérias-primas utilizadas, quer no suporte (neste caso, liga de cobre) quer nos engastes propriamente ditos (produzidos em pasta vítrea). Ainda assim, a solução promovida, apesar de não “preciosa”, mantém a policromia e o impato visual.

O objeto tipologicamente mais próximo que reconhecemos como possível paralelo consta de uma placa recolhida em Tinto Juan de la Cruz (Pinto, Madrid), sítio que na última fase de ocupação, atribuída ao século VI, comportou uma área funerária de “tradição” visigótica composta por sepulturas de inumação, em fossa simples ou assumindo a forma de cistas, que, não raro, testemunham o reaproveitamento de materiais ou das próprias estruturas da *villa* tardo-romana (Barroso Cabrera; Morín de Pablos 2006: 720; 725, fig. 9). Note-se que a associação de áreas funerárias tardias a *villae* romanas configura uma opção recorrentemente adoptada em meio rural um pouco por todo o território peninsular, até porque, precisamente, estes espaços congregam dispositivos disponíveis para desmantelamento (total ou parcial) e posterior reutilização dos seus elementos constituintes na preparação dos conjuntos sepulcrais (Arezes 2015: 206).

Mas, regressando ao artefato de *Conimbriga*, analisemo-lo à luz do esquema de sistematização de materiais construído por G. Ripoll López com base nos achados desenvolvidos a partir de escavações antigas realizadas na Península Ibérica. De acordo com o referido esquema, o exemplar de *Conimbriga* poderá ser equiparado aos abarcados pelo nível III definido pela autora, o qual se prolonga sensivelmente entre cerca de 525 e 560/580 (Ripoll López 1998: 44; 50-51). Todavia, e se atendermos à proposta de datação sugerida para a peça de Tinto Juan, que se supõe eventualmente originária da *Septimania* (Barroso Cabrera; Morín de Pablos 2006: 725-726), haveria que reequacionar a integração da placa de *Conimbriga* e apontar a inclusão da mesma no nível II, balizado entre 480/90 e 525 (Ripoll López 1998: 49).

De qualquer modo, e independentemente da afinação das hipóteses cronológicas avançadas, é evidente que esta peça se afasta, em termos de enquadramento, dos adornos áureos oriundos de Beja. E as divergências estendem-se também à origem espacial dos paralelos. Com efeito, a placa em análise é claramente comparável às utilizadas pelos grupos de visigodos que, sensivelmente nos finais do século V ou, mais plausivelmente, já em meados do século VI, se encontravam fixados na Península, e das quais possuímos testemunhos consideravelmente abundantes, designadamente, em algumas das necrópoles da Meseta Castelhana, como Castiltierra (Arias Sánchez; Balmaseda Muncharaz 2015).

2.2. Placas rígidas

Documentadas em distintos sítios europeus, com destaque para os localizados em zonas banhadas pelo Danúbio ou já mais próximas do Mediterrâneo, estas peças ocorrem também nas faixas mais ocidentais do norte de África e um pouco por toda a geografia peninsular, inclusive nas grandes necrópoles da Meseta Castelhana, onde, aparentemente, integram os conjuntos datáveis da última fase de ocupação. A sua disseminação, no período que se estende sensivelmente entre as últimas décadas do século VI e a primeira metade do VII, reflete o incremento de novos centros produtores hispânicos e, em contrapartida, o decréscimo da produção das oficinas que perpetuavam “linguagens” entendidas como visigóticas. Produto de fundição e perfazendo um todo com a fivela, entram em cena numa fase de consolidação da monarquia sediada em Toledo, fase essa que se pauta também pela tessitura de redes e contatos comerciais no Mediterrâneo (Ripoll López 1998: 56-59).

2.2.1. Placas rígidas simples

Da observação do conjunto de elementos dotados de placa rígida publicados para o território português decorre o reconhecimento de certo grau de variabi-

lidade formal e estilística. Entre os “subtipos” identificados, um reporta-se aos objetos de placa simples e destituída de decoração. Nele se enquadram as peças de Milreu (Estói, Faro), bem como a recolhida na necrópole da Abuxarda (Cascais), esta última completa e ainda na posse do fuzilhão de contorno escutiforme, apoiado na fivela (Arezes 2011: 99; 141-142; 165-168).

Mas as placas rígidas simples podem exibir ornatos. Note-se, porém, que as decorações elaboradas pelos artífices se pautam, em regra, por uma grande simplicidade, podendo resumir-se a composições onde se congregam linhas ou círculos concêntricos, eventualmente ladeados por molduras (Ripoll López 1998: 70). O exemplar oriundo da necrópole da Retorta (Loulé) enquadra-se precisamente nos referidos parâmetros, exibindo no anverso motivos incisos, oculados e semicirculares (Arezes 2011: 179-180), especialmente profusos na superfície frontal da fivela.

2.2.2. *Placas rígidas vazadas*

Outras peças destacam-se pela aplicação da técnica do vazado ou recortado, a qual se terá difundido tardiamente pelo Império, refletindo a introdução de uma nova conceção estética, pautada por rupturas e mudanças de plano e assumindo-se como contraponto a um gosto mais focado na linearidade (Aurrecochea Fernández 1994: 160). Na *Hispania* são conhecidos exemplares datáveis dos séculos VI e VII, cronologia condizente com o enquadramento genericamente atribuído às placas rígidas. Confirma-se, neste sentido, que a aplicação desta técnica persiste para além da queda do Império Romano do Ocidente (Palol Salellas 1950: 76). No território português encontram-se inventariadas três variantes deste tipo de objeto.

2.2.3. *Placa rígida vazada com decoração geométrica*

Neste campo é integrável um único fragmento distal de uma peça procedente de *Conimbriga* e atualmente depositada no Museu Nacional de Arqueologia. Trata-se de um objeto de bronze, produto de fundição, de perfil ligeiramente assimétrico e pontuado por ornatos geométricos incisos, que se aproxima dos elementos classificados como de “tipo *Palazuelos*” (Arezes 2011: 99; 153-154), designação motivada pelo excelente fabrico das placas exumadas no sítio epónimo (Palazuelos, Guadalajara). Acrescente-se, a propósito, que exemplares congéneres têm vindo a ser detetados em quantidade significativa noutras necrópoles conotadas com a ocupação visigótica, caso de Duratón (Segóvia) ou Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll 1985: 72-73; 1998: 92-93). Não obstante, o paralelo mais próximo identificado para a peça de *Conimbriga* remete para um objeto praticamente completo recuperado no sítio de El Juncal, Málaga (Ripoll López 1998: 99).

2.2.4. *Placa rígida vazada com decoração figurada*

A segunda variante, ilustrada numa peça de origem desconhecida conservada no Museu Nacional de Arqueologia, notabiliza-se pelo facto de patentear uma cena onde se conjugam um suposto equídeo e um antropomorfo incisivo, a par de uma sequência ordenada de caracteres alfabéticos, dispostos na zona superior do objeto.

Não nos foi possível reconhecer um paralelo direto para o exemplar em questão. Ainda assim, apontamos duas placas que, por motivos diferentes, denotam certas afinidades com a analisada. Uma, n.º 24 da Coleção Sevilhana (Ripoll López 1998: 77), pelo fato de ser vazada, com figuração de um zoomorfo, em concreto, um grifo; a outra, a placa relicário de Gondorf (Ripoll López 1998: 79), pela composição muito peculiar que apresenta: caracteres alfabéticos na área superior (corporizando uma assinatura, *Siggiricus fecit*) e, no campo central, a figura de Daniel, de corpo inteiro, ladeando leões. A tradução simbólica e a idiosincrasia particular dos elementos evocados poderão não ser rigorosamente consonantes, mas consideramos a presença de um fundo iconográfico que indicia, se assim o podemos designar, um certo “ar de família”. Ora, a placa relicário será de âmbito “burgúndio” e, com efeito, os temas iconográficos do repertório burgúndio (que não raro aposta na representação de grifos ou serpentes bicéfalas, com conotações cristológicas), constituíram fonte de inspiração para oficinas de outras paragens, caso das hispânicas, que acabaram por adaptar os seus fabricos e se distanciar de alguns dos atributos que pautavam as produções originais, como a extremidade distal reta ou a fivela articulada através de charneira.

No entanto, é possível que, mediante influência exercida por uma oficina situada, a título de exemplo, na zona do antigo reino burgúndio da *Germania Superior*, ocupada pelos francos a partir de 535, artesãos peninsulares tenham seguido modelos daí originários, ajustando-os e formulando criações com especificidades próprias (Ripoll López 1998: 82-83), como as reveladas pelo objeto de procedência desconhecida em análise, com fivela e placa fundidas num só objeto e extremidade distal semicircular.

2.2.5. *Placa rígida epigráfica*

A terceira e última das variantes a abordar refere-se a uma placa vazada de caráter epigráfico, a única até ao momento publicada para o território português. Oriunda da *villa* do Paço Velho da Facha (Almeida 2003: 373-374), ostenta uma fórmula, *XPS SIT/TE CVM X* (*Christus sit te cum*) de evidente teor cristão, colocando-se a hipótese de o último *X* assumir um papel decorativo, dado que parece limitar-se a compor e equilibrar a parte inferior do campo epigráfico (Vives 1969: 137). A fórmula repete-se de modo praticamente idêntico em distintos exemplares peninsulares: no de As Pereiras, em Ourense (Aboal

Fernández; Cobas Fernández 1999: 11-12), no de Ortigosa de Cameros, em Logroño e ainda num fragmento integrado na coleção sevilhana (Ripoll López 1998: 73; 96-98; lâmina IV, n.º 17). Contudo e, apesar de as similitudes reveladas por este conjunto serem imediatas e indicarem uma inquestionável proximidade entre os objetos indicados, nomeadamente se atentarmos no da Facha e no de Ortigosa de Cameros, existem motivos válidos para considerar que não deverão ter sido produzidos pelo mesmo molde (Arezes 2011: 100). Independentemente desta questão, a dispersão espacial dos exemplares elencados e o modo de elaboração, em obediência ao esquema epigráfico e fórmula especificados, leva-nos a considerar que a mensagem veiculada se revestiria de grande relevância simbólica. Não obstante, parece-nos algo arriscado aferir ilações diretas acerca da prática religiosa dos indivíduos que os utilizariam como adorno aplicado sobre o seu vestuário. Com efeito, concordamos com G. Ripoll López quando afirma que, muito embora a inscrição *Christus sit te cum* ocorra com alguma regularidade nos repertórios epigráficos da segunda metade do século VI e inícios do VII, se afigura problemático garantir que todos os indivíduos que usaram placas exibindo a fórmula em causa estariam absolutamente conscientes das implicações simbólicas e religiosas inerentes ao seu uso (Ripoll López 1998: 98).

Aqui chegados, encontramos-nos inequivocamente afastados da ambiência subjacente à “moda danubiana”, à qual tivemos oportunidade de aludir a propósito das peças de Beja. De fato, os materiais que começaram a ser introduzidos a partir de 560/80 (Ripoll López 1998: 57-58) remetem para os primeiros traços de um cosmos bem diverso, o da chamada indumentária “latino-mediterrânica”. Esse novo modelo e a panóplia de peças a ele associado, difundiu-se de modo quase que análogo entre os descendentes de grupos de origem “germânica” e a população hispano-romana, circunstância que tornou progressivamente mais difícil definir os espaços funerários conotados com cada um dos grupos (Barroso Cabrera; Morín de Pablos 2006: 730-731).

Note-se, a propósito, que as transformações e novidades patentes ao nível das evidências materiais que confirmam os contatos com o mundo bizantino e que, progressivamente, vêm sendo sinalizadas na Península Ibérica⁴, configuram apenas uma das vertentes de um processo mais amplo. Assente na procura de pontos de convergência no seio do *Regnum Visigothorum*, apostou na expansão e “unificação” territorial (traduzida na anexação da Gallaecia suévica) e na harmonização jurídica, favorecida pela anulação da proibição dos casamentos mistos, entretanto decretada por Leovigildo (Orlandis 2006: 68-69). Ressalvemos, no entanto, que,

⁴ Refira-se, como exemplo, o achado de um *pentanummius* de Justiniano I numa unidade de produção de preparados de peixe de época romana, detetada aquando das escavações levadas a cabo na Casa do Governador da Torre de Belém, em Lisboa (cf. Fabião 2009: 25-50).

pelo menos em meios rurais, e em conformidade com as informações geradas pelo registo arqueológico, nomeadamente por contextos sepulcrais onde surge atestada a mistura de materiais hispano-romanos e de elementos atribuíveis a visigodos, esta prática poderia vigorar já em fase anterior à da iniciativa legislativa (Ripoll López 1998: 32), o que vem demonstrar que é necessário matizar o entendimento destes “entidades” (em si mesmos, intrinsecamente heterogéneas) como entidades fechadas e estanques (Arezes 2015: 84). Por outro lado, convém realçar que um dos mecanismos chave para a “aproximação” demográfica dos dois grupos radicou no esbatimento de um factor diferenciador, o das clivagens religiosas. A conversão ao catolicismo promovida por Recaredo e formalmente estabelecida no III Concílio de Toledo, celebrado em 589 (Palol Salellas 1950: 15; 114), assumiu-se, portanto, como um instrumento político, que ultrapassou a esfera da crença e se repercutiu a vários níveis.

Neste sentido, considera-se que as ações levadas a cabo pelos dois monarcas (Leovigildo e Recaredo), a conjuntura específica em que exerceram o poder e os objetivos a que pretenderam dar resposta, criaram condições favoráveis ao progressivo abandono da indumentária mais tradicional e dos adornos pessoais relacionados (Ripoll López 1998: 32-33) tendo, conseqüentemente, redundado no gradual silêncio do registo arqueológico relativamente aos vestígios conotados com os descendentes dos grupos de visigodos que haviam penetrado no território peninsular.

De fato e em última instância, a mudança cristalizada no quadro mental vigente ter-se-á estendido a todo o conjunto de símbolos e traços de “identidade” associados aos visigodos. De qualquer modo, as tendências que começam a desvelar-se na segunda metade do século VI só viriam a tornar-se realidades consumadas apenas na centúria subsequente.

2.3. Placas de tipo liriforme

Resta-nos agora apresentar o grupo dos objetos liriformes, quantitativamente preponderantes entre os achados concretizados em território português (Arezes 2010-2011: 69). Produto de fundição em molde, estes exemplares congregam reminiscências que remetem para um fundo Baixo Imperial e romano oriental, a par de uma inclinação preponderante para captar os renovados influxos gerados por uma outra matriz, focada em Bizâncio e no Mediterrâneo (Palol Salellas 1950: 18; 21; 114; Vallalta Martínez 1988: 305).

Com efeito, a origem geográfica das produções liriformes, que compõem um conjunto relativamente homogéneo, apenas marcado por algumas particularidades formais e decorativas, radicar-se-á na faixa mediterrânica oriental, designadamente na zona pântica, a partir de onde os artífices bizantinos exportariam os seus quase que “padronizados” produtos, não só para toda a bacia daquele mar, mas mais além, atingindo inclusive os Alpes (Ripoll López 1998:

129). Aliás, a chave para explicar a circulação destes materiais reside precisamente no comércio e na intensificação dos contactos com o Mediterrâneo, sendo que a ascendência exercida por Bizâncio sobre o Regnum Visigótico da *Hispania* é notória fundamentalmente a partir do século VII (Vallalta Martínez 1988: 305-307).

Com a chegada à *Hispania* das novas produções, as oficinas peninsulares começam a dedicar-se à sua reprodução. Todavia, afastam-se progressivamente dos esquemas a que obedeciam os originais, denunciando, em contrapartida, tendência para o que alguns autores apelidam de “barbarização”. Tal “barbarização” das placas liriformes peninsulares traduz-se, por um lado, na deturpação ou abandono da iconografia e simbologia patentes nos adornos bizantinos; por outro, na utilização crescente de volutas e na adesão a renovadas composições, onde se cruzam os grifos entrelaçados, os elementos vegetalistas e geométricos. Nalguns casos, porém, resvala-se para um nível de esquematismo que acaba por tornar quase ininteligíveis as soluções decorativas destes adornos (Ripoll López 1998: 131-132), o que é bem sintomático na peça exumada no Monte da Serra Brava 7, Moura (Arezes 2011: 169-170). Já a propósito da profusão decorativa, e entre os objectos publicados em Portugal, destacamos a placa de S. Caetano (Chaves), a de Salvaterra do Extremo (Idanha-a-Nova), a mais completa entre as de Patalou (Nisa) e ainda a da Herdade de Fontalva (Elvas) (Arezes 2011: 102; 162-164; 173-174; 181-182).

Os adornos liriformes persistem ao longo de todo o século VII e, convém realçar, a sua utilização não se extingue com as transformações de ordem política e militar que se farão sentir nos alvares do VIII (Vallalta Martínez 1988: 307; Ripoll López 1998: 65). Mas é, de fato, sob o pano de fundo do século VII, que determinados acontecimentos fulcrais que haviam tomado lugar na centúria anterior, caso da derrogação da proibição dos casamentos mistos ou da abjuração do arianismo (Palol Salellas 1950: 15), revelam os seus efeitos mais profundos. Entre eles salientamos o ocaso das grandes necrópoles da Meseta Castelhana, questão sintomática, que ilustra o esfumar da necessidade de manter espaços de enteramento apartados para a população “visigótica”, por um lado, e para a hispano-romana, por outro. E, fenómeno sem retorno, indicamos o abandono efetivo da indumentária gótica tradicional, em favor da moda “latino-mediterrânica”. A disseminação dos elementos que compõem o *corpus* de adereços associados ao novo vestuário faz-se de forma intensa, com penetração em zonas que até então não eram particularmente povoadas pelos visigodos, no quadro de uma nítida articulação com as renovadas teias de produção e distribuição (Palol Salellas 1986: 516; Ripoll López 1998: 126-127).

Em suma, o caminho encetado resultou na crescente aproximação das distintas entidades presentes no âmbito da geografia peninsular e, consequência desse movimento de aproximação, redundou na progressiva perda dos traços de identidade pessoal e social imputada aos descendentes dos grupos de origem “germânica”.

3. OS CONTEXTOS

Consideremos agora, sumariamente, os contextos arqueológicos em que o tipo de peça em estudo tem vindo a ser sinalizado na geografia europeia e peninsular, e procuremos estabelecer o contraponto com a situação conhecida relativamente aos achados efetuados, concretamente, no atual território português.

Nas planícies da Europa Central, o mundo funerário assume-se como meio privilegiado de exumação dos elementos de placa circular e decoração policroma. Não obstante, investigações concretizadas em necrópoles localizadas na zona Danubiana sugerem a utilização diferenciada destes objetos, em função do género do inumado. Na verdade, as sepulturas masculinas podem conter dois destes adornos, os quais seriam porventura destinados à aplicação sobre o calçado. Já os enterramentos femininos congregam, por norma, um único adereço, que funcionaria como fecho de cinturão propriamente dito (Pérez Rodríguez-Aragón 1997: 637). Que inferir sobre o túmulo de Beja? Dele provêm, além das placas, um adorno isolado e uma espada (Vasconcelos 1913: 577), pelo que se afigura possível que os elementos em causa compusessem o atavio para a morte de um indivíduo do sexo masculino. Mas, dado o desconhecimento relativo ao contexto preciso dos achados e a carência de estudos aprofundados, que permitam compreender todas as implicações e associações entre materiais e género, mantemos algumas reservas em torno desta questão.

Relativamente à placa de *Conimbriga*, ignoramos as circunstâncias em que terá sido recolhida. Notamos, porém, que o *Oppidum* elevado a *Municipium* no século I (Alarcão 1994: 7), sujeito a depredações suevas no V (Tranoy 1974: 171-173: §229, §231; 175: §241) e posteriormente ocupado por visigodos (Alarcão *et al.* 1977: 10-11; 143; 165; 179), consta do único sítio que proporcionou exemplares integráveis em cada um dos grandes grupos de peças que aqui definimos.

No que concerne às placas rígidas, afigura-se que o mundo funerário representa o contexto de achado por excelência. Por outro lado, presume-se que estes exemplares possam ocorrer, indistintamente, em enterramentos masculinos ou femininos, se bem que, devido à carência de dados antropológicos fidedignos, não seja possível avançar com asserções inteiramente comprovadas. Ainda assim, a Meseta Castelhana fornece alguns exemplos, colhidos em necrópoles como Duratón (Segóvia) ou Herrera de Pisuerga (Palência), que atestam a presença, em sepulturas caracteristicamente femininas, de peças rígidas associadas a um par de fíbulas e a uma placa com decoração incrustada (Ripoll López 1998: 70). Em contrapartida, podem também surgir de modo isolado ou, conforme demonstrado na esmagadora maioria dos casos, acompanhados de uma pequena faca. Será tal combinação indiciadora de inumações masculinas? Hipótese validada em alguns contextos, mas, todavia, sem possibilidade de generalização, atendendo, uma vez mais, à insuficiência de dados disponíveis.

Não obstante, e independentemente destas e de outras interrogações, convém acrescentar que estes objetos têm vindo a ser detectados não apenas em necrópoles peninsulares atribuídas aos visigodos, mas igualmente em contextos merovíngios e em sítios localizados nos territórios que se estendem entre o Sena e o Reno (Ripoll López 1998: 72; 74). Contudo, as produções hispânicas são as únicas que apresentam o extremo distal semicircular e a fivela fundida numa só peça com a placa. Já a ornamentação dos materiais peninsulares mantém a filiação nos exemplares que lhes serviram de inspiração, cujos motivos e cenas provêm das zonas orientais do Império, tendo chegado aos artesãos da Antiguidade Tardia de um modo não uniforme, antes filtrado em função dos diferentes espaços e épocas em que foram desenvolvidos (Ripoll López 1998: 83; 91).

No território português há várias ocorrências documentadas, designadamente em necrópoles, como a da Abuxarda, assim como em *villae* romanas ou tardo-romanas com espaços mortuários associadas (Arezes 2011: 88-91), caso, nomeadamente, de Milreu (Estói, Faro) (Cardozo 1942: 255; Arezes 2015: 88-89) ou da Retorta (Boliquiteime, Loulé) (Almeida 1962: 244; 254; Arezes 2011: 90-91). Contudo, e no que concerne a estes dois exemplos concretos, não se revela possível apontar a proveniência específica dos adornos.

Transitamos agora para o grupo das peças liriformes. À semelhança do apurado para as rígidas, também a origem destes adereços é díspar, se bem que, no espaço atualmente definido como português, a prevalência recaia sobre os contextos de enterramento (circunstância ilustrada nos casos de Salvaterra do Extremo, em Idanha-a-Nova e Bensafrim, Lagos). Já no que respeita à Herdade de Fontalva (Elvas) e Patalou (Nisa), as informações colhidas são mais escassas, uma vez que o tipo de ocupação não é conhecido. Todavia, não é de excluir a existência de áreas de enterramentos nos referidos locais (Arezes 2010-2011: 74; 2011: 58-59; 74; 77-78; 81-82; 87). Além do mais, há que referir que a diversidade de proveniência se estende a uma gruta com longa diacronia de ocupação, iniciada no Paleolítico Superior⁵ (Cardoso 1991: 53), a um povoado da Idade do Ferro posteriormente reocupado⁶ (Barroca 1984: 120-121) ou a um *habitat* ou abrigo romano⁷ (Bugalhão 2004: 97; 106).

Na maioria dos exemplares analisados, a iconografia adoptada revela uma insistência clara na representação de grifos, que por vezes surgem posicionados simetricamente, separados por linhas diagonais, vetores estruturantes do campo ornamental. O grifo, quadrúpede alado com bico de águia, foi profusamente utilizado quer nas peças de adorno de vestuário quer noutras categorias de objectos, assim perpassando por todo o Oriente, inclusive na zona dos Montes Cárpatos e

⁵ Situação expressa nas Grutas do Poço Velho, em Cascais (Cardoso 1991: 53).

⁶ Caso de Sta. Marinha do Zêzere, em Baião (Barroca 1984: 120-121).

⁷ Classificação proposta para o sítio da Vinagreira, em Elvas (Bugalhão 2004: 97; 106).

entre os Avares. Animal fantástico, traduziria a natureza dual de Cristo, humana e divina, congregando, a um só tempo, o poder do leão e a energia da águia, terra e céu (Ripoll López 1998: 86). O simbolismo veiculado através da sua reprodução em elementos torêuticos assume carácter apotropaico e psicopompo (Barroso Cabrera *et al.* 2006: 218). E, de facto, a tradição cristã atribui aos grifos o papel de protetores da alma dos defuntos, seres a quem cabe conduzir os mortos, apoiá-los no abandono da terra e na ascensão ao Céu (Ripoll López 1998: 86-87).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este percurso em torno de um conjunto de objetos, perspetivados em função da sua origem espacial alargada (o território português) e, em paralelo, da respetiva integração cronológica (o intervalo que medeia entre os séculos v e VIII), pautou-se, por um lado, pela enunciação dos elementos de aproximação que justificam o seu enquadramento em três grandes grupos de peças e, por outro, pela exposição das dissonâncias e da variabilidade que as mesmas comportam.

De fato, as placas de cinturão funcionam como espelho de universos distintos: refletem as influências introduzidas por grupos que viveram em trânsito; mudanças e suspensões, mas também continuidades enraizadas no substrato peninsular, a par da persistência da utilização de técnicas, deformação de originais e construção de modelos próprios.

Abordar as placas de cinturão implica, necessariamente, considerar temas relacionados com a indumentária. Porém e tendo questionado, fundamentalmente, os contextos funerários, há uma interrogação que não se afigura possível responder. Poderão as composições detetadas nos sepulcros constituir um reflexo do modo de apresentação pessoal e do vestuário utilizado no quotidiano? Ou serão as composições identificadas nos enterramentos resultado da preparação cuidadosa de um ataviamento especificamente direcionado para a “encenação” funerária, através da qual lograria perpetuar-se a posição ou estatuto inerente a cada indivíduo? A propósito desta interrogação, recuperamos uma ideia avançada por Guy Halsall, autor que atribui à presença de materiais nos sepulcros uma dimensão ativa e mesmo competitiva, passível não só de contribuir para a perpetuação de mecanismos de afirmação social, mas também de sublinhar a diferenciação dos inumados, em função da idade e do género a que pertencem (Halsall 1995: 246). Assim sendo, é possível que a introdução de artefatos em contexto funerário possa ser entendido não apenas como um meio de “clarificação” das distinções verticais, mas também horizontais e, neste sentido, o género do defunto poderia influir no tipo de escolha preconizada para a disposição dos “cenários” mortuários, consoante a sua vinculação, a homens ou mulheres (González Villaescusa 2001: 65). É certo que a questão da atribuição das placas de cinturão a um género continua insuficientemente esclarecida, designadamente em razão da escassez de dados antropológicos que permitam firmar asserções sólidas. Todavia, casos bem docu-

mentados e contextualizados parecem sugerir que estas peças adornariam a indumentária envergada por ambos os sexos no sepulcro, ainda que pudessem verificar-se algumas variantes na disposição das peças ou no tipo de associação revelado.

Por último, mas não menos importante, registre-se o imperativo de considerar as questões da etnicidade nesta discussão. Com efeito, e atendendo ao facto de a análise promovida neste texto ter incidido sobre adereços de vestuário, é fulcral registar que, como tão bem expressou Ian Hodder, a opção pelo uso de um *corpus* específico de elementos de indumentária constitui um instrumento crucial para sublinhar, intencionalmente, diferenças tribais e étnicas entre grupos (Hodder 1982: 56). Como tal, e apoiando-nos neste contributo para perspetivar a evolução evidenciada pelas placas de cinturão, percebemos que, num contexto marcado pela vigência de maior tensão e dificuldades de coexistência entre entidades diferenciadas, os grupos forâneos, demograficamente minoritários, mas que acabaram por se afirmar do ponto de vista político e militar (apesar de todas as debilidades intrínsecas) num mundo administrativamente desagregado, tenham escolhido manter os seus traços diferenciadores visualmente mais expressivos. Pelo contrário, num momento cronologicamente mais avançado, quando as compartimentações perdem a sua relevância, e até do ponto de vista político e religioso, se assume como necessário promover uma maior aproximação entre populações que, na prática, muito provavelmente já estariam a misturar-se (conforme indiciado pelas evidências recolhidas em áreas funerárias, sobretudo em meio rural), então também as distinções apoiadas nos adereços de indumentária, etnicamente ilustrativos, deixam de ser requeridas e de fazer sentido.

Confirma-se, por isso, e apesar do conjunto de lacunas apontadas, muitas das quais decorrentes da insuficiência de dados contextualizados, a inegável pertinência de que se reveste a análise dos adornos de vestuário (sendo que, neste âmbito, as placas e as fíbulas corporizam, porventura, os elementos mais emblemáticos). Como afirmávamos na introdução, são várias as potencialidades que decorrem dessa análise e do esforço desenvolvido em torno da perscrutação dos indicadores e “mensagens” transmitidos pelos objectos, sendo que a questão identitária subjacente se afigura, na nossa óptica, uma das mais importantes e desafiadoras, ainda que eivada de dificuldades de interpretação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

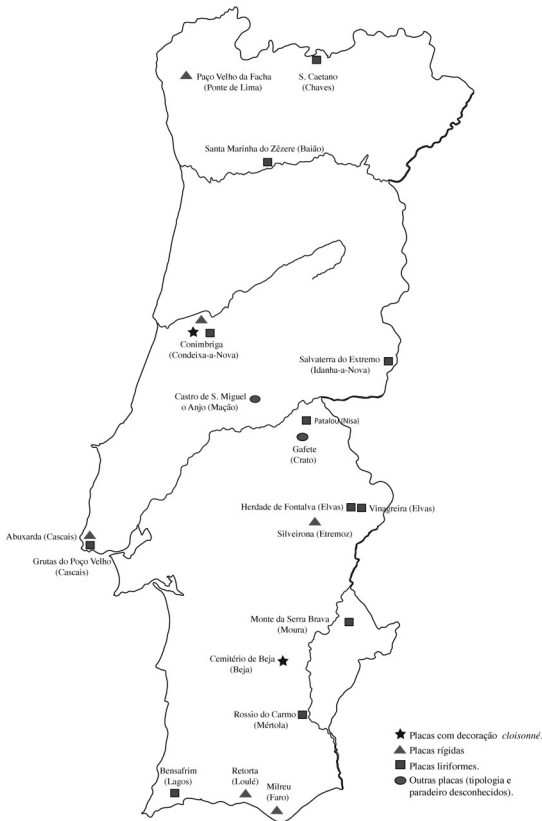
- ABOAL FERNÁNDEZ, Roberto; COBAS FERNÁNDEZ (1999), La Arqueología en la Gasificación de Galicia 10. Sondeos en el Yacimiento Romano-Medieval de As Pereiras. *Traballos en Arqueoloxia da Paisaxe (TAPA)*, 13, Santiago de Compostela.
- ALARCÃO, Adília (1994), *Museu Monográfico de Conimbriga. Coleções*. Coimbra.
- ALARCÃO, Jorge de; ETIENNE, Robert (1977), *L'Architecture, Fouilles de Conimbriga*. I, Paris.
- ALMEIDA, C. A. B. de (2003), *Povoamento Romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o Minho*, Dissertação de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- ALMEIDA, D. Fernando de (1962), Arte Visigótica em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Nova Série, IV, p. 5-278.
- AREZES, A. C. M. (2010-2011), Materiais de adorno visigóticos de Patalou - Nisa. *PORTVGALLIA*, Nova Série, vol. 31-32, p. 65-82.
- (2011), *Elementos de Adorno Altomedievicos em Portugal (Séculos V a VIII)*. Serie Trivium 41, Noia.
- (2015), Ocupação «Germânica» na Alta Idade Média em Portugal: as necrópoles dos séculos V a VIII”. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2 vols.[edição policopiada].
- ARIAS SÁNCHEZ, Isabel; BALMASEDA MUNCHARAZ, Luis J. (2015), *La necrópolis de época visigoda de Castiltierra (Segovia). Excavaciones dirigidas por E. Camps y J. M.^a de Navascués, 1932-1935. Materiales conservados en el Museo Arqueológico Nacional*. Tomo I: Presentación de sepulturas y ajuares. Madrid.
- AURRECOECHA FERNÁNDEZ, Joaquín (1994), Los botones de bronce en la *Hispania* romana. *Archivo Español de Arqueología*, [67], p. 169/170, 157-178.
- BALMASEDA MUNCHARAZ, Luis J. (2006), La orfebrería de época visigoda en la Comunidad de Madrid. *Zona arqueológica* 8-3 (Exemplar dedicado a: La Investigación Arqueológica de la Época Visigoda en la Comunidad de Madrid), Alcalá de Henares, p. 753-765.
- BARROCA, Mário Jorge (1984), Notas Sobre a Ocupação Medieval em Baião. *Arqueologia* 10, p. 116-136.
- BARROSO CABRERA, R.; LÓPEZ QUIROGA, J.; MORÍN DE PABLOS, J. (2006), Mundo funerario y presencia ‘germánica’ en Hispania (ss. v-vi

- d.C.). In: López Quiroga, ; Martínez Tejera; Morín de Pablos (Eds.), *Gallia e Hispania en el contexto de la presencia 'germánica' (ss. V-VIII). Balance y perspectivas*. BAR IS 1534, Oxford, p. 213-224.
- BARROSO CABRERA, R.; MORÍN DE PABLOS, J. (2006), Arqueología funeraria de época visigoda en la Comunidad de Madrid: la toréutica". *Zona Arqueológica*, 8-3 (Exemplar dedicado a: La Investigación Arqueológica de la Época Visigoda en la Comunidad de Madrid). Alcalá de Henares, p. 717-732.
- BIERBRAUER, Volker (1997), Les Wisigoths dans le royaume franc. *Antiquités Nationales*, tome 29, p. 167-200.
- BUGALHÃO, Jacinta (2004), O abrigo tardo-romano da Vinagreira, Elvas - Arqueologia na Rede de Transporte de Gás: 10 anos de investigação. *Trabalhos de Arqueologia*, 39, p. 97-108.
- CARDOSO, Guilherme (1991), *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*. Cascais.
- CARDOZO, Mário (1942), Uma estação visigótica (?) no concelho de Chaves (S. Caetano - Freguesia de Couto de Ervededo). *Revista de Guimarães* 52, p. 237-256.
- DAIM, Falko (1998), The exemple of the Avars, Carantanians and Moravians in the eighth century. In: Pohl; Reimitz (Eds.). *Strategies of distinction. The transformation of the Roman World, 300-800*, Leiden - Boston, p. 71-93.
- FABIÃO, Carlos (2009), O Ocidente da Península Ibérica no século VI: sobre o Pentanummium de Justiniano I encontrado na unidade de produção de preparados de peixe da Casa do Governador da Casa do Governador da Torre de Belém, Lisboa. *ERA Apontamentos de Arqueologia e Património* 4, p. 25-50.
- GONZÁLEZ VILLAESCUSA, Ricardo (2001), *El mundo funerario romano en el País Valenciano. Monumentos funerarios y sepulturas entre los siglos I a. de C. - VII d. C.* Madrid-Alicante.
- GRIMALDI, David (2009), Pushing back amber production. *Science*, 326 (5949), p. 51-52.
- HALSALL, Guy (1995), *Settlement and social organization. The Merovingian region of Metz*. Cambridge.
- HELLENKEMPER, Hansgerd (1979), *Tresors romains - Trésors barbares. Industrie d'art à la fin de l' Antiquité et au début du Moyen Age*. Bruxelas.
- HODDER, Ian (1982), *Symbols in action. Ethnoarchaeological studies of material culture*. Cambridge.
- JONES, Siân (1997), *The Archaeology of Ethnicity. Constructing identities in the past and present*. London.

- KAZANSKI, Michel (1991), *Les Goths (Ier-VIIIe après J.-C.)*. Paris.
- KAZANSKI, Michel; PÉRIN, Patrick (1997), Les Barbares ‘orientaux’ dans l’armée romaine en Gaule. *Antiquités Nationales*, tome 29, p. 201-217.
- LEBEDYNSKY, Iaroslav (2001), *Armes et guerriers barbares au temps des grandes invasions. IV au VI siècle après J.-C.* Paris.
- LEGUAY, Jean-Pierre (1993), O Portugal Germânico”. In: Oliveira Marques, A. H. de (Coord.), *Nova História de Portugal. Das Invasões Germânicas à “Reconquista”*, vol. II, Lisboa, p. 11-115.
- ORLANDIS, José (2006), *Historia del Reino Visigodo Español*. Madrid.
- OSTOIA, Vera K. (1953), A Ponto-Gothic Fibula. *The Metropolitan Museum of Art Bulletin*, New Series, vol. 11, n.º 5, p. 146-152.
- PALOL SALELLAS, Pedro de (1950), Jarritos e Patenas Litúrgicos. *Bronces Hispanovisigodos de Origen Mediterráneo*, Barcelona.
- (1986), Las excavaciones del conjunto de ‘El Bovalar’, Seros (Segria, Lerida) y el reino de Akhila. *Los Visigodos: Historia y Civilización. Antigüedad y Cristianismo. Monografías Históricas sobre la Antigüedad Tardía III*, Murcia, p. 513-526.
- PÉREZ RODRÍGUEZ-ARAGÓN, Fernando (1996), La cultura de Tchernjahov, la diáspora gótica e el peine de Cacabelos. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología LXII*, p. 173-184.
- (1997), Elementos de tipo bárbaro oriental y danubiano de época bajo-imperial en Hispânia. *Actas del Congreso Internacional “La Hispania de Teodósio” 2*, p. 629-647.
- RIPOLL LÓPEZ, Gisella (1985), La Necrópolis Visigoda de el Carpio de Tajo (Toledo). *Excavaciones Arqueológicas en España 142*, Madrid.
- (1998), *Toréutica de la Bética (siglos VI y VII D.C.)*. Barcelona.
- SHENNAN, Stephen (2003), Introduction: archaeological approaches to cultural identity. *Archaeological approaches to cultural identity*, London, p. 1-32.
- TRANOY, A. (1974), *Hydace: Chronique. Tome I, Introduction, texte critique, traduction*. Paris.
- VALLALTA MARTÍNEZ, Pilar (1988), Dos objetos de bronce de época visigoda en el yacimiento de Begastri (Cehegin, Murcia). Estudio y restauración. *Antigüedad y Cristianismo: Monografías Históricas sobre la Antigüedad Tardía V*, p. 303-314.
- VASCONCELOS, José Leite de (1913), *Religiões da Lusitânia*, vol. III, Lisboa.

VIZCAÍNO SÁNCHEZ, Jaime (2007), Introdução. El estudio del mundo funerario tardoantigo en el área Hispana: ¿Bizantinos, Visigodos o Hispanorromanos?. La presencia bizantina en Hispania (siglos VI-VII). La documentación arqueológica. *Antigüedad y Cristianismo: Monografías Históricas sobre la Antigüedad Tardía*, XXIV, Murcia, p. 535-596.

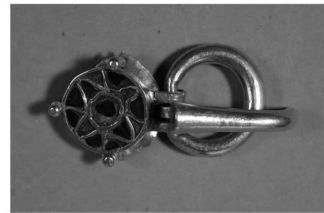
VIVES, José (1969), *Inscripciones Cristianas de la España Romana y Visigoda*. Barcelona.



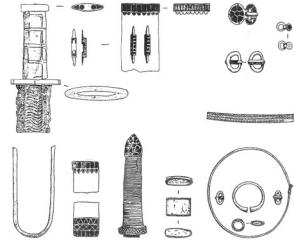
Ocorrências documentadas de placas de cinturão no território português.



Origem: cemitério de Sta. Clara (Beja). N. inv. Au 124 (M.N.A.). Foto: M.N.A.

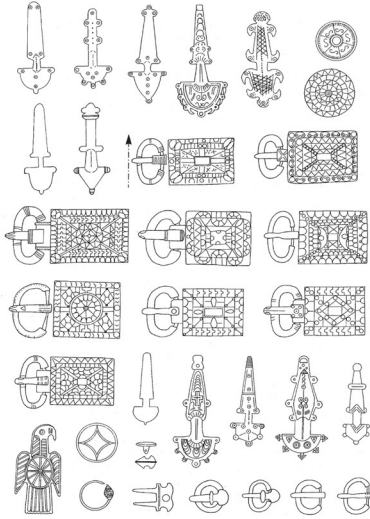


Origem: cemitério de Sta. Clara (Beja). N. inv. Au 125 (M.N.A.). Foto: M.N.A.



Materiais "principescos" exumados no túmulo de Pouan (Aube – França), datados do século V (segundo Kazanski; Périn 1997: 202).

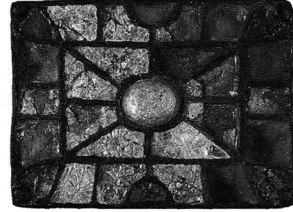
Do *cloisonné* ao liriforme.
Diacronias de um adorno de vestuário na Alta Idade Média



Materiais de adorno pessoal e de vestuário do nível III
(segundo Ripoll López 1998: 51).



Origem: *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova).
N. inv. A.74.6. (M. Monográfico de Conimbriga)



Origem: *Tinto Juan de La Cruz*
Museo Arqueológico Regional (M.A.R.) –
Alcalá de Henares
(segundo Barroso Cabrera e Morin de Pablos 2006: 725).



Placa rígida. Origem: Milreu (Estói, Faro).
N. inv. 983.1002.101 (M.N.A.)



Placa rígida. Origem: Abuxarda (Cascais).
N. inv. 2003.9.1. (M.N.A.)



Placa rígida com decoração. Origem: Retorta (Loulé).
N. inv. 983.1223.1. (M.N.A.)



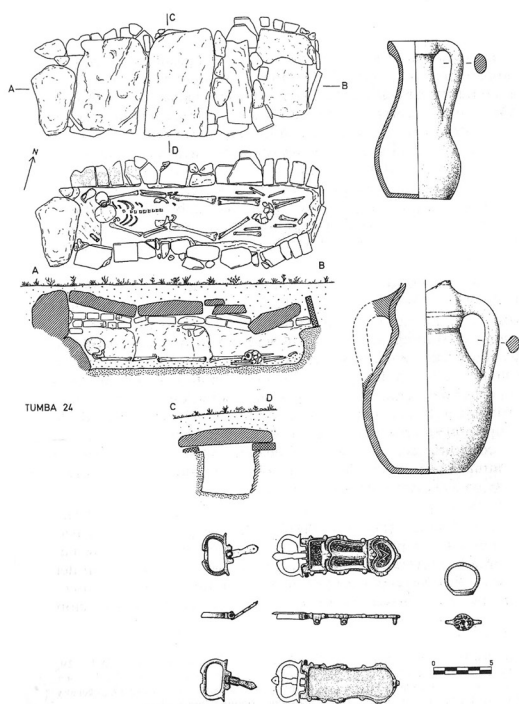
Placa rígida vazada com decoração.
Origem: *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova).
S/ N.º inv. (M.N.A.)



Placa rígida vazada epigráfica.
Origem: Paço Velho da Facha (Ponte de Lima).
S/ N.º inv. (Edifício Paço do Marquês - C.M.P.L.)



Placa rígida vazada com decoração figurada.
Origem: Desconhecida.
S/ N.º inv. (M.N.A.)



Em cima: sepultura n. 24 de Gerena (Sevilha) e reprodução do material nela exumado (Ripoll López 1998: 255).
 Ao lado, placas de tipologia liriforme, recolhidas em território português: 1 - Sta. Marinha do Zêzere (Baião); 2 -
 Salvaterra do Extremo (Idanha-a-Nova); 3 - Patalou (Nisa); 4 - Herdade de Fontalva (Elvas).

